

mães que escrevem

Vol. 1 Nº. 2, 2020



imagem cedida pela autora

mães que
escrevem

**Além do Autismo
Questão de raça
Estudo e maternidade**

mães que escrevem

Somos uma revista digital lançada em 2017 feita por mulheres que querem mostrar sua maternidade de forma real, não romantizada e fazer do mundo digital uma rede de apoio entre outras mulheres, que também são mães.

Falamos sobre política, feminismo, cotidiano, filmes e séries, sexualidade, racismo, saúde mental, relacionamento e etc; a ideia é dar condições para mulheres que já tem voz ocuparem espaços que também são delas, inclusive o digital.

Envie seu texto

É mãe e tem vontade de escrever? Esse espaço é seu!
Envie seu texto para: maequeescreve@gmail.com

maesqueescrevem.com.br

Carta à leitora

Há quem diga que temos espaços que nos acolham, mas não é bem assim; por sermos mães, já nos colocam a sobrecarga da culpa e da abnegação do ser mulher. Nos colocam num papel romantizado que estamos cansadas de atuar. Temos voz, mas precisamos de espaços que faça com que elas ecoem cada vez mais alto.

Queremos falar livremente que amamos nossas crias, mas não gostamos da maternidade. Queremos falar que nossos filhos não moram com a gente sem sermos julgadas. Queremos que os amigos nos olhem como sempre nos olharam. Queremos que familiares respeitem nossas decisões, queremos ser nós mesmas, além de mães.

E é por isso que este projeto está no ar, para desmistificar o que é ser mãe.

Obrigada a todas as mulheres que abraçam essa causa. Esse espaço é nosso!

Bem-vindos e bem-vindas à realidade, informação e uma dose de senso crítico. Boa leitura! Joice Melo, Editora e Fundadora.

Realização

Mães que Escrevem

Com textos de

Lily Sagi

Lara Rocha

Jéssica Dias

Danielle Barreto

Thaisa Cipriano

Cintia Robles

Larissa M. De Carvalho

Nayara Ferreira

Ilustração

Bruna Berenguel

Além do Autismo

Lara Rocha

Há quem não se sinta confortável usando a expressão "especial" para se referir à uma pessoa atípica, particularmente não vejo problema algum, até afirmo com muito orgulho o quanto o menino Tonho é especial. Como eu poderia não afirmar que meu filho não é especial se conheço tão bem o significado dessa palavra? Ser especial é ir além e além estamos indo a todo instante.

A solidão da maternidade atípica nos levou também além e juntos vamos aprendendo o quanto nossa cumplicidade e elo ultrapassa qualquer barreira de dor, a dor existe e juntos sentimos e choramos, juntos somos mais fortes. Tu e eu, eu e tu. Além do autismo.

Quando chega faz alarde, esquenta o peito, arde de calor, pois amor é combustível para esse seu caminhar acelerado e incontrolável. Poema é barulho. Você rima buzina com assobio, constrói uma avenida de poesia concreta com árvores que perfuram as frestas da minha ponte de safena ainda não instalada, do túnel atalho que atravesso para te encontrar mais depressa. Tenho saudade até quando estou perto, como se a distância perpetuasse o outono.

E quando já não sei mais como retribuir por tanto, você deita o sol, doura o chão, sopra uma brisa fria. Preciso me aconchegar. Você é minha manhã, um eu te amo dito de uma maneira insubstituível. E ainda digo e tento explicar, você me corresponde de sua maneira, sei que é amor também, você brilha imensamente, meu filho, você é grandioso, você é infinito! Infinito e além.

De sua mãe.



Você não é culpada

Lily Sagi

O maior vilão do preconceito e da ignorância é justamente a falta de informação. Não é uma falta de informação qualquer, já que você pode digitar "autismo" no Google e encontrar diversos textos e artigos com palavras rebuscadas, termos difíceis, recheados de jargões médicos que nenhum leigo é obrigado a entender. O problema é a falta de informação acessível às famílias atípicas, que precisam ser disseminadas em larga escala e de uma forma para todo mundo entender. Por isso, topei a missão de trazer todas as informações que eu puder e a primeira delas é: Você não tem culpa do seu filho ser autista/deficiente intelectual/hiperativo/etc.

Por mais que possa parecer banal, nas linhas a seguir você vai entender por que essa é a informação mais valiosa que eu posso te passar. Nós já sabemos que culpa é inerente à maternidade.

Parece um acessório que vem de fábrica, que a gente não pediu e não tem como devolver. A gente tem que aprender a lidar com isso o tempo todo e, por mais empoderadas que possamos ser, a culpa sempre nos leva a nocaute em um momento ou outro. Mas você não é culpada.

Não foi a vacina que você deu, não foi porque você desmamou o seu filho antes dos dois anos, não foi porque seu filho caiu do balanço, não foi por nada disso. E, mesmo que tenha acontecido algo no parto como falta de oxigênio no cérebro e por isso hoje seu filho tem alguma deficiência, isso também não foi sua culpa. Você não tem controle sobre tudo.

Não é sua culpa ele ter que tomar remédios tão cedo. Não é sua culpa a falta de inclusão na escola. Não é sua culpa receber um diagnóstico. Nada disso. Eu reforço porque é mais do que importante, é primordial ter isso fixo na sua mente. As informações que vou trazer aqui podem ser um pouco tristes aos olhos de uns, chocantes aos olhos de outros, temidos aos olhos de outros. E o que mais eu vejo nos grupos de pais é a culpa. São as mães se desdobrando entre terapias, atividades, presença em todas as reuniões de escola, buscas incansáveis de tratamentos alternativos (e aí, dependendo do grau de desespero, é onde entra o MMS colocando vidas em risco), sempre se perguntando onde elas erraram.

E é nesse acolhimento que nós (eu e outros pais) reforçamos que não é um erro seu. Não vou romantizar o autismo ou qualquer deficiência mental. Não vou dizer que "é uma bênção", "é uma missão para os fortes", também não vou dizer que é algum tipo de castigo nem nada disso.

Um filho atípico é como um filho loiro, um filho ruivo, um filho negro. Eles NASCEM assim. E ponto final. Até agora não se fez um consenso de onde vem o autismo, o que é o autismo, se há chance de cura real ou não. Essas discussões existem há décadas e está se intensificando à medida que a grande massa está falando sobre. Se os médicos que estudam para isso não sabem o que é, de onde vem, então você não tem necessidade alguma de se martirizar achando que foi uma falha sua.

Você não tem controle sobre isso, até porque se tivesse eu garanto que seria diferente. Sei que este parece um texto sentimental ao estilo coach Ashley O, mas não é. A partir do momento que você não foca na culpa, não foca no problema, você consegue encontrar a solução. Uma solução saudável que não coloque seu filho em risco nem o submeta a mais sofrimento do que eles já passam. Por fim, quero dizer que se você é uma mãe que está aqui buscando informação, você já é a melhor mãe que seu filho pode ter.

Por mais que possa parecer banal, nas linhas a seguir você vai entender por que essa é a informação mais valiosa que eu posso te passar. Nós já sabemos que culpa é inerente à maternidade.

Parece um acessório que vem de fábrica, que a gente não pediu e não tem como devolver. A gente tem que aprender a lidar com isso o tempo todo e, por mais empoderadas que possamos ser, a culpa sempre nos leva a nocaute em um momento ou outro.

Mas você não é culpada.

Quando um possível diagnóstico de autismo começa a mudar sua visão

Jéssica Dias

Quando você tem um filho com 80% de possibilidade de ter identidade autista, isso porque ainda não foi fechado um "diagnóstico" (odeio essa palavra), você começa a entender o quanto a gente criar vários "pré-conceitos" surreais sobre o "espectro autista" e o quanto a nossa mentalidade é fechada ao ponto de rotularmos automaticamente como uma doença, e o quanto a gente tem medo do desconhecido.

E depois que você começa a pesquisar, estudar, se rodear de pessoas com experiências maravilhosas, pessoas cheias de conhecimentos, você só consegue pensar em como vai tentar fazer o mundo ser melhor pra que seu filho não corra riscos.

Antes eu achava que minha grande luta seria sempre voltada pra questão de ser mãe solo tentando ganhar seu espaço na sociedade como alguém que também pode obter sucessos na vida, e agora eu vejo que isso está bem distante do que ainda me espera.

Eu sou mãe solo com uma filho chamado Joaquim maravilhoso que tem possibilidades de estar nesse universo encantador do espectro autismo, todo dia eu acordo disposta a ser melhor que ontem por causa dele e sim por causa de mim também.

A gente sempre acorda com uma meta, hoje acordei com a meta de cuidar do meu filho mas também cuidar de mim, e isso não é errado!





SAÚDE MENTAL DAS MÃES IMPORTA

Psicólogas Parceiras a Preço Social

CONHEÇA AQUI!

Como Tratar o tema 'Racismo' com as crianças?

Danielle Barreto

Especialista
#Pedagoga

Mesmo sendo um País de maioria negra, ainda observamos muitos casos de práticas de discriminação racial, e várias delas acontecem ainda na infância. Esta fase de desenvolvimento tão importante para a aquisição de conhecimentos, precisa ser tratada com cuidado, principalmente no assunto que tange o respeito ao próximo. Mas como podemos tratar de um assunto tão tenso com as crianças pequenas? Como tratar o racismo com as crianças? É certo de que, está mais do que na hora de termos práticas e ações que parem de fazer de nossas crianças, vítimas de discriminação racial. Nós adultos somos exemplos para nossas crianças, e por isso potentes agentes de transformação. Elas, as crianças, tendem a imitar nossas atitudes, sejam elas positivas ou negativas. Logo, ninguém nasce sendo racista. As pessoas aprendem e ensinam o racismo ao observarem e muitas vezes, copiarem as atitudes do outro. As crianças só serão racista, se perceberem que as outras pessoas ao seu redor possuem este comportamento. Nossas crianças estão aprendendo o racismo e aplicando o que aprendem, muitas vezes na escola.

Então, um bom caminho para trabalharmos o racismo e acabar de vez com a discriminação racial, é a sala de aula, local onde muitas crianças começam a ser vítimas destes atos de violência, tendo como justificativa para esta motivação, a espessura do seu cabelo, a cor da sua pele ou seus traços físicos. As crianças insultadas podem apresentar aumento da agressividade ou isolamento, levando a um desgaste físico, psíquico e emocional bem grande que pode sim, ser evitado a partir de ações de pais, educadores e toda rede de apoio com o objetivo de não alimentar atitudes preconceituosas entre os pequenos.

EM CASA

Neste sentido, se faz necessário que os pais, conversem com seus filhos sobre diversidade, estimulando o respeito às diferenças. Falar sobre as diferenças étnicas, as belezas dos tipos de cabelos e tons de pele pode ser um inicio de uma boa conversa. Os adultos precisam investir tempo de qualidade para dialogar sobre o racismo e apresentar referencias evitando assim, qualquer tipo de comportamento racista.

As situações de preconceito são bastante difíceis para todos os envolvidos, mas principalmente para as crianças. Em alguns casos, elas ficam tão abaladas que não conseguem falar sobre o assunto, quando são expostas a tal prática. Perda de apetite, desinteresse escolar, tristeza, problemas para dormir são apenas algumas das pistas que elas podem apresentar. Assim, além de dialogar é importante também, observar seus filhos, e conhecer suas crianças de perto para perceberem quando estiver acontecendo algo de errado, devendo procurar os espaços frequentados pelas crianças para saber se sofrem algum tipo de discriminação, e caso seja necessário, acione as autoridades responsáveis.

NA ESCOLA

Já a escola precisa trazer para a prática de sala de aula, as questões étnico-raciais, que devem ser trabalhadas desde a primeira infância, discutindo as diferenças, a diversidade e a representatividade formando assim, cidadãos melhores, através de brincadeiras e brinquedos, jogos, reportagens, histórias e filmes com personagens negros e também de outras etnias, músicas, giz de cera, lápis de cor, vestimentas, culinária...temos um leque de opções e caminhos para seguirmos tendo como objetivo acabar com o racismo e valorizar a diversidade, mostrando a importância da ancestralidade, da cultura e do sentimento de comunidade. Professores precisam estar preparados para trabalhar a inclusão.

TODOS JUNTOS

Promover ações para melhorar o convívio entre os alunos também pode ser um caminho, junto as famílias. É muito importante ouvir e não invalidar os sentimentos da criança ofendida, assim como também, os da criança que ofendeu, pois como disse anteriormente, muitas vezes eles estão reproduzindo algo que observaram. O trabalho precisa ser de parceria entre a escola e as famílias, ambas precisam ter vontade de acabar com o preconceito, promovendo a inclusão, o respeito as diferenças e o valor da diversidade. Não podemos permitir que nossas crianças, sejam elas negras ou brancas, cresçam repetindo esse tipo de atitude e perpetuando qualquer tipo de preconceito. Nós como comunidade, somos responsáveis por cada criança e precisamos juntos educar e cuidar dos pequenos. UBUNTU!

Então, anota ai algumas dicas de materiais para o trabalho étnico racial com a criançada:

LIVROS

- **Dandara e vovó Cenira-** Livia Marques
- **Siara descobre a África-** Edna Ande e Sueli Lemos
- **Meu crespo é de Rainha –** Bell Hooks
- **A África de Dona Biá -** Fábio Gonçalves Ferreira
- **O que há de África em nós -** Wlamyra Albuquerque
- **O menino marrom-** Ziraldo
- **Sinto o que sinto –** Lázaro Ramos
- **Lápis cor de pele –** Daniela de Brito

VÍDEOS, FILMES E DESENHOS ANIMADOS

- Raio negro - Netflix
- Os africanos- Youtube
- Meu amigãozão - Discoverykids
- A princesa e o sapo - Disney
- SOS Fada Manu- Gloob
- Doutora brinquedos - Disney Junior, SBT e Netflix
- A gente se vê ontem- Netflix
- Nana e Nilo- loja.nanaenilo.com.br
- Bino and Fino- YotubeMilly e Molly- Discovery

MÚSICAS

- Ritmos musicais- samba, jongo, funk, hip-hop, capoeira
- Cantante- canto africano
- Palavra cantada- DVD as melhores brincadeiras da palavra cantada
- Emicida – sobre crianças, quadris, pesadelos e lições de casa.

relacionamento **INTERRACIAL**



Aprendi que solidão tem gênero e cor.
Gostos pessoais e afetos são construções
sociais e essas construções impactam
diretamente na forma com que as mulheres
negras se relacionam.

Thaisa Cipriano

Não me lembro bem o ano, mas lembro exatamente o nome, o rosto e o sentimento de ser exposta e ridicularizada por um "homem branco". Eu estava no colégio e um amigo do menino pelo qual eu tinha uma paixão platônica me disse que estava interessado em mim. Era a primeira vez que eu sentia aquele calorzinho bom no peito. Logo contei para minha melhor amiga (uma menina branca heteronormativa), que no momento pareceu muito surpresa. Creio que tenha passado pela cabeça dela, como a "neguinha", "laque" (apelidos pelos quais os meninos me chamavam no colégio), podia despertar interesse em alguém e após a surpresa, ela questionou o menino se era verdade e a resposta dele foi NÃO. Que jamais se interessaria por uma menina como eu.

Esse não ecoou durante muito tempo na minha mente e essa foi a primeira vez que percebi que ser uma menina negra, no ambiente onde transitava era um problema. Eu tinha uns 10 anos mais ou menos e entendi que o processo natural da adolescência, de se relacionar, se apaixonar, não aconteceriam normalmente, ou da mesma forma que a minhas amigas.

Eu fui uma adolescente imersa num ambiente com alunos brancos e professores brancos, os poucos negros que convivi ocupavam lugares de subalternidade.

Fui uma criança e adolescente silenciada. Lembro exatamente como rião de mim pelo modo como me expressava, pelo meu fenótipo (nariz largo, boca grande e grossa); e, principalmente, do meu cabelo. Os apelidos que surgiram nessa fase foram relacionados ao meu cabelo 4C. Lembro de cada um deles, mas hoje não sinto tristeza e nem tenho ódio dele, há alguns anos atrás tentava mudá-lo através de química. Hoje aprendi a aceitá-lo, cuidá-lo e amá-lo como é. Fazer essa cronologia de tempo é necessária pois foram esses momentos que moldaram minha autoestima e por muito tempo me fizeram acreditar que eu não era digna de afeto.

O segundo "cara branco" por quem me apaixonei, após duas "ficadas" tornou-se meu namorado e, no momento em que me senti segura, decidi tem minha primeira relação sexual; porém, no dia seguinte, sem nenhuma grande explicação ele decidiu terminar o namoro. Naquele momento eu só pensava que tinha que ser forte, como minha avó, minha mãe, minhas tias sempre foram e são. Escondi o que estava sentindo, pois aprendi que ser forte era não demonstrar sentimento. Então não conversei com ninguém sobre, até mesmo porquê não tinha com quem conversar sobre esses assuntos e pensei que todo aquele processo fazia parte da adolescência e do que era ser mulher.

O terceiro "cara branco" me fez mãe, me fez viver uma relação que iniciou como num conto de fadas, com romance e juras de amor eterno. Depois veio o controle, a obsessão, a violência psicológica e verbal, a posse, o ciúmes desenfreado. O relacionamento mais abusivo que já vivi.

Conheci o quarto "cara branco" num momento onde experienciava toda a liberdade de ser quem eu sou. Liberdade de pensamento, sexual e liberdade de existir. E no auge de toda essa vivência ele determinou o meu lugar na vida dele. Lugar de "amiga" e da mulher com quem ele viveu as melhores "aventuras" da vida.

Era isso o que ele me dizia e eu me esforçava para acreditar que todo o racismo e sexism que ele tinha dentro dele camuflado não determinavam nossa relação. O quinto "cara branco" chegou num momento de mudanças internas, onde eu queria um relacionamento, mas não esses relacionamentos tradicionais, onde a sociedade define o que é certo e o que é errado e a gente se relaciona baseado nisso tudo. Eu queria a liberdade de existir individualmente estando num relacionamento.

Nesse período da vida, eu passava por um turbilhão de sentimentos, de desconstruções e construções;

me apropriava das militâncias enquanto mulher preta e ele chegou como um alívio em meio a todo caos interno. Talvez, esse tenha sido o pior de todos os relacionamentos até hoje, pois senti as consequências físicas e mentais da falta de responsabilidade afetiva, do racismo recreativo e estrutural; mais uma vez do sexism sobre meu corpo preto e potencializei a tudo isso todos os anos de preterimento. Me culpei durante muito tempo por ter tantas ferramentas, vivências e não saber utilizá-las quando necessário. Mas essa culpa é um fardo muito pesado para carregar sozinha. Deixei a conta para a sociedade racista. Aprendi que solidão tem gênero e cor.

Gostos pessoais e afetos são construções sociais e essas construções impactam diretamente na forma com que as mulheres negras se relacionam.

Claudete Alves em "Virou Regra?", escreve brilhantemente sobre o processo histórico da mulher negra, desde sua trajetória e ruptura da diáspora africana até a contemporaneidade, permeada pela solidão.

Aprendi também que é muito melhor caminhar ao lado de alguém que vai na mesma direção que a gente, entende e compartilha da mesma dor. Quero desaprender a me relacionar desse modelo branco heteronormativo. Quero aprender a amar em plenitude, sem definições, só o amor pelo amor.



Bruna Berenguel - @brubsberenguel

Mãe e pesquisadora: não tenho que abrir mão da maternidade para ser quem eu quero

Cintia Robles

Ser mãe e estar no meio de um mestrado não é nada fácil, na academia quando as pessoas descobrem recebo aqueles olhares de pena, como se eu fosse uma coitada ou louca, ouço muito “nossa, não sei como você consegue”, mas o problema não está na maternidade em si, e sim no preconceito de conciliar a criação de um filho com a vida acadêmica e científica. Fui mãe aos 17, terminei o ensino médio e parei com os estudos, dediquei os primeiros anos de vida do meu filho a ele, foi uma escolha possível para nós, e sei que não é a realidade de muitas mulheres, tenho uma rede de apoio incrível.

Quando ele completou 6 anos, retomei os estudos, e mesmo com toda a rede de apoio que tenho, sempre foi complicado. Ele me acompanha desde a graduação, fui iniciação científica, então meu contato com a pesquisa iniciou há 5 anos, já tive que levá-lo em aulas importantes, dias de prova, eventos, apresentação de trabalhos, pois por mais que eu tenha uma rede de apoio, tem dias que somos só nós dois e o mundo. Costumo dizer que ele tem mais hora complementar que aluno de graduação, e foi em mais evento que aluno de pós.

Minha pesquisa de campo fica em outra cidade e ele já viajou várias vezes junto comigo, visitou os arquivos, as universidades, e esteve presente até nas entrevistas que precisei coletar. É meu parceiro de pesquisa e aproximá-lo do que faço ajudou ele a compreender a necessidade que tenho de estar fora, ele conhece o processo e consegue entender quando estou em casa, mas estou ausente. Não é fácil para mim e nem para ele, me realizo enquanto profissional e tenho certeza que seria uma péssima mãe se não me realizasse no que faço, e se já não bastasse as renúncias e as dificuldades que passo, tenho que enfrentar os olhares, a desconfiança e “nunca ser boa o suficiente” por não produzir tanto quanto um homem ou uma mulher sem filhos. Trabalho o dobro, meu esforço precisa sempre ser maior, a carreira que escolhi não é vista como profissão, as pessoas acham que eu “só estudo”, e por ser da área de humanas, que não produzo nada relevante.

E, mesmo assim, persisto! Mulheres, não desistam de ser aquilo que você quer, a maternidade não defini quem você é, ela é uma das partes que te constitui.



Mãe universitária

"Por que você não dorme
enquanto seu filho dorme?"

Larissa Mota de Camargos Lima

Uma das frases que mais ouvi desde o nascimento do meu filho foi:

“Por que você não dorme enquanto ele dorme?”

Para muitas mães já é difícil executar tal tarefa e para as que estudam, essa possibilidade é ainda mais difícil. O ensino superior exige muito, e há certa dificuldade em ir para a Universidade.

Me preparam todos os dias, horas antes da aula começar, sempre com uma certa rotina: amamentar, trocar fralda, arrumar as roupinhas e comidinhas que ele precisará enquanto eu estiver fora, amamentar (de novo), levá-lo até a creche. Nisso, se vão, pelo menos, 2 horas.

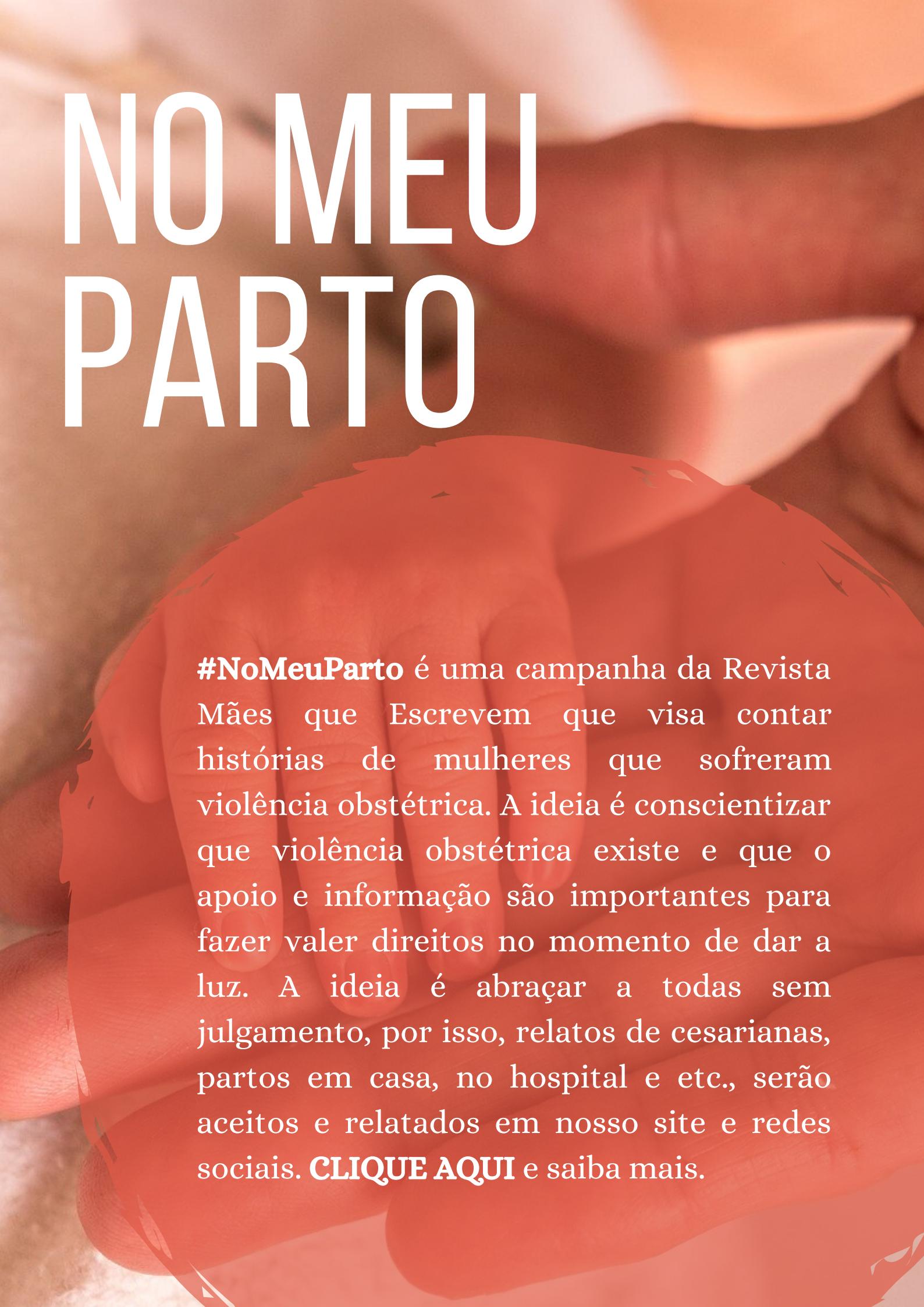
Quando chegamos na faculdade, as mães que amamentam irão me entender, vem aquela enxurrada de leite deixando evidente que a hora de mamar chegou, mas você não o fará, pelo contrário, lidará com olhares que muitas vezes julgam e raras vezes acolhem.

Acho que já perdi as contas de quantas vezes tive que ir embora mais cedo, chegar mais tarde, ou até mesmo nem ir porque meu filho precisava de mim. Às vezes, era reação das vacinas, ou uma gripe, ou até mesmo só queria colo, mas não qualquer colo, o meu.

Para que eu possa estar, minimamente, no mesmo nível dos meus colegas, preciso dedicar mais horas do meu curto dia para ler e entender o texto referente a aula, com pausas incontáveis para lidar com as outras tarefas e cuidar do filho.

Aí eu volto àquela pergunta inicial, “Por que você não dorme enquanto seu filho dorme?”, acho que agora a resposta é meio óbvia, não?

NO MEU PARTO



#NoMeuParto é uma campanha da Revista Mães que Escrevem que visa contar histórias de mulheres que sofreram violência obstétrica. A ideia é conscientizar que violência obstétrica existe e que o apoio e informação são importantes para fazer valer direitos no momento de dar a luz. A ideia é abraçar a todas sem julgamento, por isso, relatos de cesarianas, partos em casa, no hospital e etc., serão aceitos e relatados em nosso site e redes sociais. **CLIQUE AQUI** e saiba mais.



Filhos, acesso à educação e a falácia da meritocracia

Nayara Ferreira

“Filho não atrapalha nada! Tem que ter força de vontade. Mulher não estuda porque não quer!”

É justo ou possível falar de meritocracia para mulheres mães quando o assunto é acesso à educação? Numa sociedade em que o cuidado e a criação dos filhos são tidos como obrigação unicamente feminina, em que não há vagas suficientes em creches e que o acesso a creches particulares e babás é privilégio de classe, ESTUDAR É PRIVILÉGIO. Onde apenas 2% das mães adolescentes de 15 a 17 anos continuam estudando e onde a evasão escolar chega à mais de 75% no caso dessas meninas, ESTUDAR É PRIVILÉGIO. Em que quanto maior a renda familiar, maior o avanço nos estudos, ESTUDAR É PRIVILÉGIO. Onde quando se trata do ensino superior, em que tão difícil quanto o acesso, é a permanência e a conclusão dessas mulheres, que além de enfrentar dificuldades como inexistência de políticas de permanência estudantil específicas, burocracia para conseguir licença maternidade, exclusão dos espaços acadêmicos que não toleram crianças ou não oferecem estrutura para incluí-las, baixo número de vagas em creches e moradias, machismo, preconceito e a inflexibilidade das instituições, ainda precisam lidar com a culpa, a cobrança da sociedade que recai apenas sobre ela e muitas vezes são forçadas a escolher entre carreira e maternidade,

enquanto a carreira do homem é priorizada, ESTUDAR É SIM PRIVILÉGIO.

Fazendo um recorte de raça, onde mesmo com as cotas raciais e o aumento do número de negros nas universidades, o número de mulheres negras matriculadas no ensino superior é baixa, em contrapartida, são maioria entre os trabalhadores terceirizados, mostrando o lugar que nossa sociedade racista e machista quer reservar à mulher negra nas universidades. O racismo, a desigualdade social, a precarização e sucateamento da educação em todos os níveis, inexistência ou diminuição de políticas de permanência estudantil, cortes no número de bolsas e vagas em programas que favoreceram o acesso do negro e do pobre à universidade, além o ônus de muitas vezes ser a única responsável pela criança (No Brasil, são 20 milhões de mães solteiras, maioria negra e parda) muitas vezes fazem do ensino superior sequer uma opção para maioria das mães negras e pobres, pois precisam trabalhar para garantir sua sobrevivência e da prole. Então, sim, ESTUDAR É PRIVILÉGIO.

E não, o problema não é a maternidade, tampouco o cuidado ou o trabalho doméstico.

O problema começa na divisão sexual do trabalho e no machismo que sustenta essa estrutura que condena mulheres mães à exclusão da educação, do mercado de trabalho e dos espaços políticos, sociais e de lazer. É o patriarcado dizendo que lugar de mulher é dentro de casa, cuidando da casa e dos filhos sozinha.

Não é a maternidade e o trabalho doméstico que precisam ser demonizados, é a sociedade que precisa mudar. Tão essencial quanto a divisão justa e igualitária do trabalho doméstico e da criação dos filhos, onde **HOMENS PRECISAM ASSUMIR** sua responsabilidade e quebrar o estereótipo de “homem provedor”, é preciso que o Estado garanta acesso à creches e políticas de inclusão de mulheres mães e filhos, que conscientize e crie leis, incentivos e isenções à empresas que permitam negociar flexibilidade de horários para **MÃES e PAIS**, creches para filhos de funcionários, estimulem a amamentação e participação dos pais na vida escolar.

Também se faz necessário que o Estado combata fortemente o machismo e a violência contra mulheres e crianças, promova a abordagem e o debate acerca do feminismo e da divisão sexual do trabalho nas escolas e veículos de informação das massas, possibilitando uma nova construção e concepção de masculinidade e paternidade,



que crie cursos preparatórios para homens durante a gestação, aumente a licença paternidade/maternidade, promova a guarda compartilhada (sempre garantindo o melhor interesse da criança, claro), a reeducação masculina em caso de irresponsabilidade, negligência e abandono dos filhos e em último caso, penalização desses homens.

Falaremos de meritocracia em relação ao acesso de mulheres mães à educação, quando os homens, o Estado, a sociedade e os homens cumprirem as obrigações e papéis que lhe cabem, e a realidade materna não se resuma àquele provérbio machista que todos repetem diariamente: “Quem pariu Mateus que o embale”.

Lutemos por uma sociedade e uma realidade em que maternidade não seja sinônimo de anulação, sacrifício e apagamento político e social, e que mulheres mães sejam respeitadas em sua individualidade e nos seus direitos básicos, onde estudar é direito garantido e não privilégio.

Venceremos.

Para continuarmos no ar
levando informação e
conteúdo gratuitos,
precisamos do seu apoio.
Clique aqui e saiba como
ajudar!

— conecte-se —



maesqueescrevem.com.br